

Jovens trabalhadores e cenários de emprego em atividades informacionais do setor de telecomunicações

Régis Leonardo Gusmão Barcelos¹

Resumo

O presente estudo analisa a inserção de jovens trabalhadores no setor de telecomunicações, no Rio Grande do Sul, destacando a influência do perfil sócio-ocupacional e da escolaridade sobre as condições de emprego, em atividades informacionais. Os dados provieram de bases estatísticas oficiais da (RAIS-CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil (MTE). A partir dos resultados, demonstrou-se que tais atividades têm se caracterizado por oferecer oportunidades de inserção de jovens nas telecomunicações, porém essa inserção ocorre de duas formas: por um lado, os jovens apenas se inserem nessas atividades, por outro lado, alguns acabam profissionalizando-se. Essa diferenciação na inserção ocupacional ocorre devido não apenas à faixa etária, mas também devido à escolaridade. Os primeiros apresentam uma inserção menos sólida, embora não se possa dizer que tenham condições precárias de trabalho, enquanto que os segundos apresentam condições de emprego privilegiadas. Argumenta-se que existe a necessidade de diferenciação da categoria “jovem trabalhador” e que em atividades informacionais existe um cenário de emprego favorável para jovens, porém com capacitações exigidas pelo ramo produtivo.

Palavras-chaves: Telecomunicações, Emprego, Jovem trabalhador.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Sociologia (UFRGS) e Graduação em Ciências Sociais (UFRGS).

Introdução

Esse texto trata especificamente do estudo sobre a inserção de jovens trabalhadores no mercado de trabalho do setor de telecomunicações, no Rio Grande do Sul, destacando as características do perfil sócio-ocupacional e da escolaridade sobre as condições de emprego, em atividades informacionais. Diferentemente de grande parte da literatura (MARTINS, 1997; GUIMARÃES, 2006; ROCHA, 2008) que argumentam que os jovens estão entre os grupos mais suscetíveis às taxas de desemprego, aos menores rendimentos e a maior precarização nos empregos, argumenta-se que as telecomunicações configuram-se como um diferenciado cenário de emprego, sobretudo caracterizados por elevada participação de jovens, inseridos em condições sólidas de emprego, desde que apresentem algumas características sócio-ocupacionais compatíveis às exigências desses ramos produtivos.

Nesse estudo foi selecionado como novos cenários de emprego para jovens algumas atividades informacionais do setor de telecomunicações, tais como aquelas responsáveis pela operação de provedores de acesso à internet e rede de telecomunicações. Observou-se que tais segmentos têm oferecido oportunidades de inserção ocupacional de jovens, porém essa inserção ocorre de duas formas: por um lado, alguns jovens apenas se inserem nessas atividades, por outro lado, alguns acabam profissionalizando-se. Os diferentes tipos de inserção ocupacional não ocorreram devido apenas à faixa etária, mas, sobretudo, à escolaridade, especialmente quando adquirem formação superior. Ou seja, podem-se observar novos cenários de emprego para os jovens, sendo que uns caracterizam-se como *jovens inseridos* e outros como *jovens profissionalizados*. Os primeiros apresentaram uma inserção menos sólida, embora não se possa dizer que tenham condições precárias de trabalho, enquanto que os segundos apresentaram condições de emprego privilegiadas, praticamente semelhantes às condições de trabalhadores mais experientes.

Procedimentos metodológicos

Nessa investigação foi selecionada como “atividades informacionais” aquelas que compreendem todas as ocupações relacionadas aos: (1) provedores de acesso às redes de comunicação, que possibilitam o acesso direto de usuários às informações armazenadas em computadores, produzidas através de redes de telecomunicações, tais como os provedores de acesso à internet; (2) provedores de voz sobre e protocolo internet (VOIP), responsáveis pela transmissão de voz digital através de rede de internet; (3) serviços de rede especializado, para provimento de serviços de comunicações de voz, dados e imagens; (4) serviços de estabelecimento de redes de telecomunicações para grupos de pessoa jurídica com atividade específica; (5) atividades de instalação e manutenção das conexões de terminais telefônicos às redes de telecomunicações públicas em prédios residenciais, comerciais e industriais (6) atividades de serviços especiais oferecidos para atender necessidades de comunicação de interesse geral, não aberto à correspondência pública, tais como, atividades de uso de satélites para rastreamento, atividades de comunicações por telemetria e atividades de operação de estações de radar (MTE, 2009).

A escolha desse recorte deveu-se a duas razões. O primeiro motivo deveu-se ao fato das atividades listadas acima apresentar um conjunto das atividades de caráter essencialmente técnico e tecnológico das telecomunicações. O segundo motivo, baseou-se no fato de que as atividades informacionais selecionadas não compreendem todas as atividades no setor de telecomunicações como as relativas à telefonia fixa e telefonia móvel, as quais possuem maior diversidade de atividades ocupacionais, inclusive grande parte de atividades administrativas.

A categoria “Jovem trabalhador” adotada nesse estudo refere-se àquele empregado no grupo etário entre 18 a 29 anos de idade. Destaca-se que são jovens sob condições formais de trabalho e com capacitações específicas e afins a uma determinada atividade econômica. Esse critério de delimitação baseou-se na delimitação da UNESCO (2004), que concebe o “jovem” como o grupo populacional na faixa de 15 a 24 anos (UNESCO, 2004). Como os jovens tratados nessa pesquisa são aqueles inseridos em empregos com maiores exigências educacionais, em média com escolaridade de nível médio completo, justifica-se a escolha da ampliação da idade limite até 29 anos. Além desse primeiro critério de delimitação, a

vantagem de estabelecer o recorte acima de 24 anos, deveu-se ao fato de quase 50% dos empregados do setor de telecomunicações possuírem menos de 30 anos de idade (MOCELIN, 2007).

A partir dos resultados foi estabelecida uma distinção importante entre dois grupos de jovens trabalhadores. Um primeiro grupo denominou-se *jovens inseridos* que constituem jovens entre 18 a 24 anos, com baixo grau de escolaridade, e sobre condições de empregos mais desvantajosas. O segundo grupo foi denominado *Jovem profissionalizado*, que constituem aqueles empregados na faixa de 25 a 29 anos, com alto grau de instrução e condições de emprego mais vantajosas.

No que diz respeito às condições de emprego dos trabalhadores analisados foram determinados os indicadores relativos aos aspectos objetivos de sua relação com o trabalho, tais como as dimensões referentes aos rendimentos, ocupações e tempo de emprego.

No que concerne ao tratamento dos dados, estabeleceram-se cruzamentos entre as diferentes faixas etárias, estabelecendo o grau de instrução como variável independente e as condições de emprego tais como: rendimento, ocupação laboral e o tempo de emprego, como variáveis dependentes. A partir dos cruzamentos entre faixa etária e as demais variáveis foi analisado o comportamento das variáveis de acordo com os diferentes graus de instrução dos grupos etários e, principalmente, entre empregados jovens e não-jovens.

O recorte empírico restringiu-se às atividades denominadas como “Outras atividades em telecomunicações”, de acordo com a classificação da (CONCLA), a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS-CAGED, MTE), referente ao ano de 2007. Os dados estatísticos utilizados são referentes exclusivamente a esse segmento de atividades nas telecomunicações, no estado do Rio Grande do Sul.

Os dados utilizados provieram de fonte secundária fornecida pelas bases estatísticas oficiais da (RAIS-CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil (MTE). Essas bases estatísticas fazem parte do Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET) programa desenvolvido pelo MTE. O PDET é um programa do Ministério do Trabalho e Emprego, que disponibiliza gratuitamente dados relativos às informações do mercado de trabalho formal no Brasil. Quanto à origem das informações, a base RAIS-CAGED constitui-se de um registro administrativo, de âmbito nacional e de caráter obrigatório para todos os

estabelecimentos, inclusive aquele sem a ocorrência de vínculo empregatício no exercício, tendo tipo de declaração à denominação de Rais negativa.

Juventude e transformações nas relações de emprego

Estudos têm evidenciado que os jovens estão entre as categorias populacionais com maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho (MARTINS, 1997; GUIMARÃES, 2006; ROCHA, 2008). Os argumentos sugerem ser o contexto de emprego para os jovens inevitavelmente composto por indicadores desvantajosos e insuficientes para o estabelecimento de uma relação típica de emprego, visto que os jovens constituem o grupo mais suscetível ao desemprego, aos baixos rendimentos e a taxas superiores de rotatividade. A fragilização dos vínculos ocupacionais ocorreria em razão das condições dos jovens no mercado de trabalho, visto que ocupam empregos precários, com baixa remuneração, em ocupações mais simples, com alta rotatividade, e por inserirem-se em atividades informais. Diante disso, cria-se um cenário de emprego sombrio, caracterizado pela baixa perspectiva profissional para jovens no mercado de trabalho.

Para Martins (1997) entre os fatores causadores da situação precária dos jovens no mercado de trabalho destaca-se a diminuição das oportunidades de emprego, principalmente em decorrência da introdução de inovações tecnológicas e, com isso, a exigência de maiores experiências e capacitações profissionais. Em segundo lugar, entre os jovens existe maior mobilidade ocupacional, fato que expressa maior insegurança no emprego. A situação entre os jovens é caracterizada por uma série de condições que determinariam se seriam inseridos ou não no mercado de trabalho. Determinadas atividades exigem capacitações profissionais e assim os jovens passam a investir em formação, inserir-se em empregos temporários ou, caso contrário, ficam suscetíveis ao desemprego e a inatividade.

Semelhante perspectiva encontra-se também em estudo de Guimarães (2006). De acordo com Guimarães (2006), as questões discutidas sobre juventude e mercado de trabalho, enfatizam a idéia de que o ingresso de jovens é caracterizado pelo estabelecimento de vínculos ocupacionais frágeis e transitórios. Os jovens são os mais suscetíveis de estar em contato com os novos desafios e às novas exigências do mercado de trabalho, entre os grupos populacionais. Assim, os mercados urbanos de trabalho estão estruturados de forma a ameaçar os jovens

com uma reprodução duradoura da instabilidade, concretizada através de empregos precários e pelas elevadas taxas de desemprego.

Nessa perspectiva de análise, Rocha (2008) trata as questões relacionadas às formas de inserção dos jovens no mercado de trabalho. O primeiro aspecto salientado pela autora refere-se à elevada taxa de desocupação laboral entre os indivíduos de 18 a 25 anos. Rocha (2008) analisa os aspectos que mais caracterizam a situação dos jovens no mercado de trabalho. Entre esses aspectos destacam-se como elementos intrínsecos aos jovens, baixa escolaridade, baixa condição social, expressa pelo nível baixo de rendimentos e a falta de experiências em empregos. Diante disso, os jovens trabalhadores acabam tornando-se o grupo mais suscetível ao desemprego e as condições precárias de trabalho tais como, inserção em ocupações temporárias, situação empregatícia suscetível de intercalação entre inatividade e desemprego; trajetórias ocupacionais não-lineares, entre outras condições de instabilidade laboral (ROCHA, 2008).

Entre os fatores determinantes das condições de emprego de jovens em comparação aos não-jovens destaca-se a experiência no emprego como o principal e mais importante. Para Rocha (2008), os jovens com maior experiência no emprego possuem maior retorno do que as compensações por meio do aumento da escolaridade.

Numa perspectiva distinta, existem orientações teóricas que não se restringem aos aspectos precarizantes em emprego para jovens, mas apresentam também aspectos favoráveis à inserção e integração laboral (DERMOTT E FENTON, 2008; CELLI E OBUCHI, 2002). Além do destaque para os aspectos relativos ao nível educacional e aos diferentes grupos ocupacionais dos jovens, salienta-se que não existem exclusivamente fatos que possam apresentar um cenário de incertezas e riscos à inserção dos jovens. O fato de ser “jovem” no mercado de trabalho não necessariamente caracteriza um aspecto que determina negativamente a inserção ocupacional e profissional.

Em pesquisa realizada sobre o mercado de trabalho na cidade de Bristol na Grã-Bretanha, Dermott e Fenton (2008) constatou-se que a alta freqüência de mudança de emprego não é uma característica distintiva da relação dos jovens com o mercado de trabalho. Partindo de estudos que destacam o prolongamento da transição do jovem para o mercado de trabalho e, principalmente, o crescimento do emprego precário para esse grupo específico, Dermott e Fenton (2008) investigaram

a relação do jovem com aspectos característicos de percursos fragmentados de emprego.

Nesse estudo concluiu-se que a maior frequência de mudança de emprego está entre os jovens com menores vantagens nos empregos, ou seja, jovens com baixa escolaridade, inseridos numa sucessão de empregos de baixa remuneração. Logo, concluíram que a ausência de um padrão dominante de incertezas, insegurança e fragmentação no mercado de trabalho é evidente pelos resultados da pesquisa. Aspectos relacionados às características pessoais e profissionais dos jovens tais como, nível de qualificação, experiências em atividades laborais e a posição ocupacional definem as oportunidades de emprego e as condições no mercado de trabalho (FENTON e DERMOTT, 2008).

Não menos importantes são as investigações de pesquisadores como Celli e Obuchi (2002) sobre jovens e adultos no mercado de trabalho. Em estudo sobre jovens e mercado de trabalho, em 18 países da América Latina, Celli e Obuchi (2002) concluíram que a escolaridade formal possui maior efeito sobre o tipo de inserção dos jovens no mercado de trabalho. Apesar do fator “experiência” influenciar as condições de emprego, é a escolaridade formal que determina as condições de inserção dos jovens nos empregos.

A perspectiva adotada nessa investigação aproxima-se da segunda abordagem sobre juventude e mercado de trabalho. O argumento defendido aqui é de que não existe padrão de empregos precários para jovens, de forma específica, apesar de existir efeitos desfavoráveis aos empregos na “nova economia” globalizada, para jovens marginalizados do processo econômico e social.

A perspectiva adotada nesse estudo supõe a diversidade de situações encontradas pelos jovens com relação à inserção no mercado de trabalho. As condições de emprego que os jovens estão inseridos nesse mercado de trabalho dependem das características dos jovens, tais como a escolaridade, bem como das atividades laborais em que estão inseridos, caracterizado pela exigência de conhecimentos tecnológicos e abstratos. Em cenários econômicos em que a qualificação dos profissionais torna-se uma das principais fontes da produtividade e competitividade das empresas, os jovens assumem espaço importante no mercado de trabalho, visto que são os principais agentes do novo contexto de emprego. Assim, diante do crescimento dos níveis educacionais no Brasil, nas últimas décadas, e o conseqüente crescimento de maiores exigências por mão-de-obra

qualificada, existem cenários de empregos favoráveis a inserção de jovens, visto que os mesmos possuem capacidades informacionais requisitadas pelo mercado de trabalho, principalmente, em setores caracterizados pelo uso intensivo de informação. Logo, a escolaridade o tipo de atividade realizada e a dinâmica do contexto setorial são elementos incidentes sobre as condições de emprego para jovens.

Jovens nas telecomunicações: da inserção à profissionalização

Nas atividades informacionais no setor de telecomunicações verificou-se que existem dois grupos de empregados que assumem as maiores parcelas dos postos de trabalho. Por um lado, os jovens profissionalizados, com aproximadamente 32% dos postos de emprego e, por outro lado, os trabalhadores não-jovens de 30 a 39 anos, chegando a ter participação semelhante, com 34% dos empregos.

Diante disso, percebeu-se que o perfil sócio-ocupacional é constituído predominantemente por jovens nessas ocupações laborais. De acordo com a Figura 1, destacou-se a maior inserção de laboral de jovens profissionais nessas atividades laborais no setor de telecomunicações.

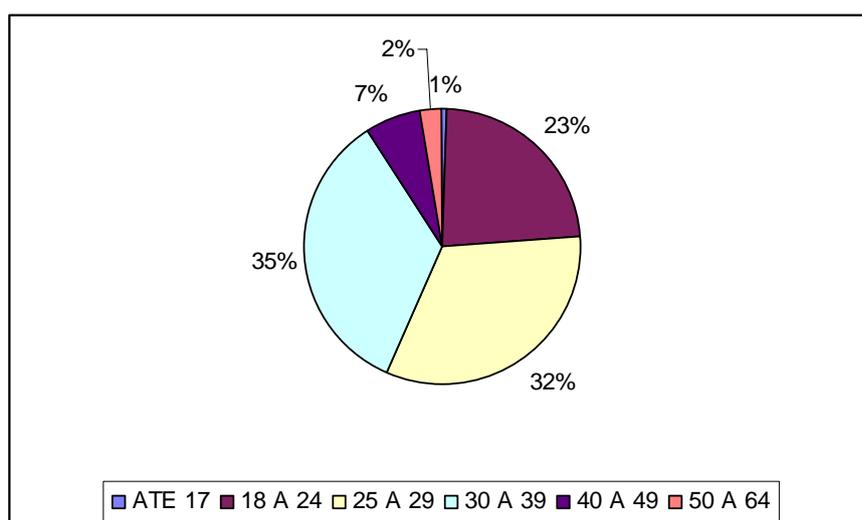


Figura 1 – Distribuição percentual dos empregados por faixa etária em atividades informacionais (Rio Grande do Sul, 2007)

Fonte: RAIS-CAGED/TEM – 2007.

Na Figura 2, verificou-se a distribuição da escolaridade dos trabalhadores por grupos etários. Com relação ao grau de instrução entre os grupos etários, identificou-se significativa diferença entre os dois grupos de jovens. Enquanto os *jovens inseridos* (18 a 24 anos) concentraram-se em grande parte no nível médio de escolaridade, com 49%, os *jovens profissionalizados* (25 a 29 anos) distribuíram-se entre 28% no nível médio e 27% em nível superior incompleto. Além disso, apenas 11% dos *jovens inseridos* possuem escolaridade superior completa, enquanto que entre os *jovens profissionalizados* a proporção é significativamente maior, chegando a 39% de jovens com escolaridade superior completa.

No que se refere aos níveis de escolaridade entre o grupo dos *jovens profissionalizados* e os *trabalhadores não-jovens* de 30 a 39 anos, destacam-se as seguintes constatações. Em primeiro lugar, a escolaridade entre essas duas categorias etárias acompanharam uma distribuição muito semelhante. Enquanto 28% dos jovens profissionalizados possuíam escolaridade de nível médio, 25% dos trabalhadores não-jovens encontram-se nesse mesmo nível. Porém, com relação à distribuição do nível superior incompleto entre as duas categorias perceberam-se diferenças. Entre os jovens profissionalizados, 27% deles possuem nível superior incompleto, enquanto entre os não-jovens apenas 13% estão incluídos nesse nível. Ou seja, quando se trata desse nível de escolaridade, a proporção de jovens é quase duas vezes maior do que a proporção de não-jovens.

A maior inserção de jovens profissionais altamente qualificados tende a expressar a emergência de um novo contexto de oportunidades de trabalho que implica nas condições de emprego da nova geração de trabalhadores. Possivelmente, a limitação dos resultados de alguns estudos sobre a juventude e mercado de trabalho deva-se a não percepção de novos tipos de inserção laboral e de novos perfis de jovens profissionais que tem forjado a emergência de uma nova classe de trabalhadores que não estão necessariamente sobre condições de precarização do emprego, visto que o conhecimento adquirido pela formação dos jovens passa a ser valorizado em atividades econômicas dinâmicas como nas telecomunicações.

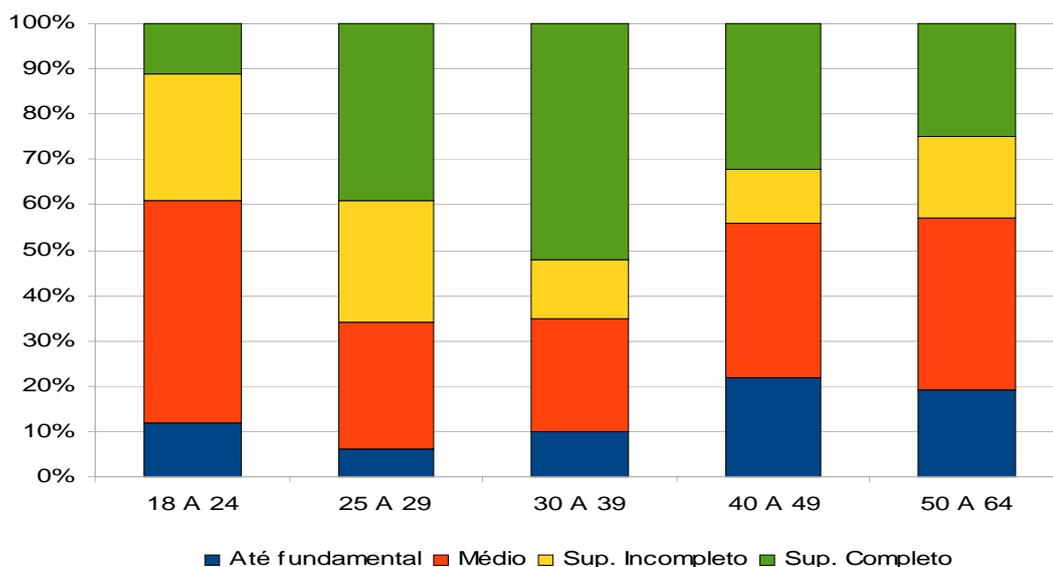


Figura 2 – Distribuição da faixa etária de empregados nas atividades informacionais segundo o grau de escolaridade, 2007.

Fonte: RAIS-CAGED/MTE – 2007.

No que se refere aos rendimentos constatou-se os seguintes resultados. Entre os jovens inseridos predominou a faixa de remuneração de até 2 salários mínimos, com 67% dos jovens inseridos. Entre os jovens profissionalizados, verificou-se distribuição mais equilibrada com relação aos níveis das faixas de remuneração.

A distribuição dos níveis de remuneração entre os jovens profissionalizados foi a seguinte: 22% desses jovens possuíam remuneração abaixo de 2 salários mínimos; 20% encontraram-se na faixa de 2 a 4 salários; 27% desses jovens possuíam de 4 a 7 salários; 12% recebiam de 7 a 10 salários mínimos; 16% possuíam remuneração de 10 a 15 salários mínimos e apenas 3% ficaram acima dessas faixas. Diante desses dados verificou-se que entre os dois grupos de jovens trabalhadores existem diferenças substantivas no que concerne aos níveis de remuneração. Esse aspecto é relativamente ilustrativo através da forma como são distribuídas as faixas de remuneração entre esses dois grupos de jovens.

Com relação aos rendimentos dos jovens profissionalizados, encontramos distribuição semelhante no grupo etário dos trabalhadores não-jovens de 30 a 39 anos. Observou-se que entre esses trabalhadores não-jovens a proporção de

empregados é muito semelhante à proporção dos jovens trabalhadores profissionalizados nos menores rendimentos.

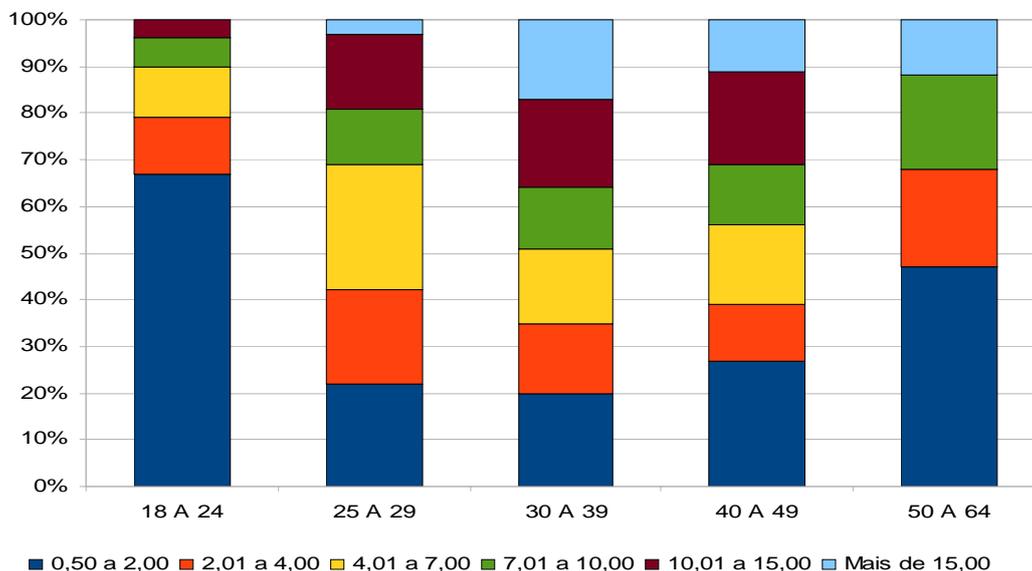


Figura 3 – Distribuição de faixa etária de empregados em atividades informacionais segundo a faixa de rendimento, em salários mínimos, 2007.

Fonte: RAIS-CAGED/MTE – 2007.

No que se refere aos grupos ocupacionais em que estão inseridos os empregados nas atividades informacionais, novamente, verificou-se a diferença entre os jovens inseridos e os jovens profissionalizados. Contudo, a partir da faixa dos 40 a 49 anos, o panorama mudou substancialmente.

Observou-se a maior participação de jovens profissionalizados ocupados nessas atividades nas ocupações que exigem elevado grau de capacitações informacionais. Enquanto 26% dos *jovens inseridos* estavam em ocupações que requerem maiores capacitações em conhecimentos tecnológicos (Profissionais das ciências e das artes²), 48% dos jovens profissionalizados estavam integrados nessas ocupações.

² Essa classificação ocupacional é preenchida por Engenheiros em computação; Administradores de redes e bancos de dados e; Analistas de sistemas computacionais. Esses três tipos de profissionais são encarregados da manutenção e desenvolvimento de sistemas em tecnologia da informação, no desenvolvimento e criação de banco de dados em sistemas computacionais e na administração e coordenação tanto de projetos e medidas de solução para ambientes informatizados quanto em pesquisas em tecnologias de informática (MTE, 2008).

Por outro lado, a proporção dos jovens inseridos foi aproximadamente duas vezes maior do que a proporção de jovens profissionalizados em atividades técnicas de nível médio³. Entre os jovens inseridos 26% ocupavam empregos em atividades técnicas de nível médio. Entre os jovens profissionalizados apenas 14% encontraram-se nesse nível ocupacional. Foi observado que os postos de emprego caracterizados por atividades mais complexas foram preenchidos na grande parte pelos jovens profissionalizados. Enquanto há maior participação dos jovens inseridos nas atividades de nível técnico médio, as atividades exercidas por profissionais mais especializados e com maior capacitação tecnológica foram ocupadas pelos jovens profissionalizados.

Os jovens inseridos não só estavam integrados em níveis menores na estrutura ocupacional, em comparação aos jovens profissionalizados, como também é destacável a diferença em comparação ao nível ocupacional dos não-jovens. Enquanto em torno de 50% dos trabalhadores não-jovens de 30 a 39 anos ocupavam postos que exigem maiores conhecimentos e capacitações tecnológicas, apenas 26% dos jovens inseridos estão incluídos nesse nível ocupacional. Em contrapartida, existe maior absorção de jovens inseridos em atividades técnicas do que os trabalhadores não-jovens, 26% para os jovens e 11% para os não-jovens.

Por outro lado, reafirmando a tendência dos resultados comparativos até aqui, evidencia-se a semelhança dos postos de emprego ocupados entre os jovens profissionalizados e os trabalhadores não-jovens de 30 a 39 anos. Verifica-se que existem mais semelhanças do que diferenças entre os níveis ocupacionais dos jovens profissionalizados e os trabalhadores não-jovens de 30 a 39 anos de idade. No total dos jovens profissionalizados, 48% deles estão inseridos em atividades mais complexas. Com relação aos trabalhadores não-jovens, 50% deles estão integrados nessas mesmas atividades no segmento investigado.

³ Esse nível ocupacional é composto por Técnicos de desenvolvimento de sistemas e aplicações e por Técnicos em operação e monitoramento de computadores. Os Técnicos de desenvolvimento de sistemas são profissionais responsáveis pela montagem das estruturas dos bancos de dados, realizam a manutenção de sistemas e aplicações, selecionam recursos de trabalho e planejam etapas e ações de trabalho. Técnicos em operação e monitoração de computadores são operadores dos sistemas de computadores e microcomputadores, monitoram o desempenho dos aplicativos, armazenamento de dados, registro de erros e consumo da unidade central de processamento (MTE, 2008).

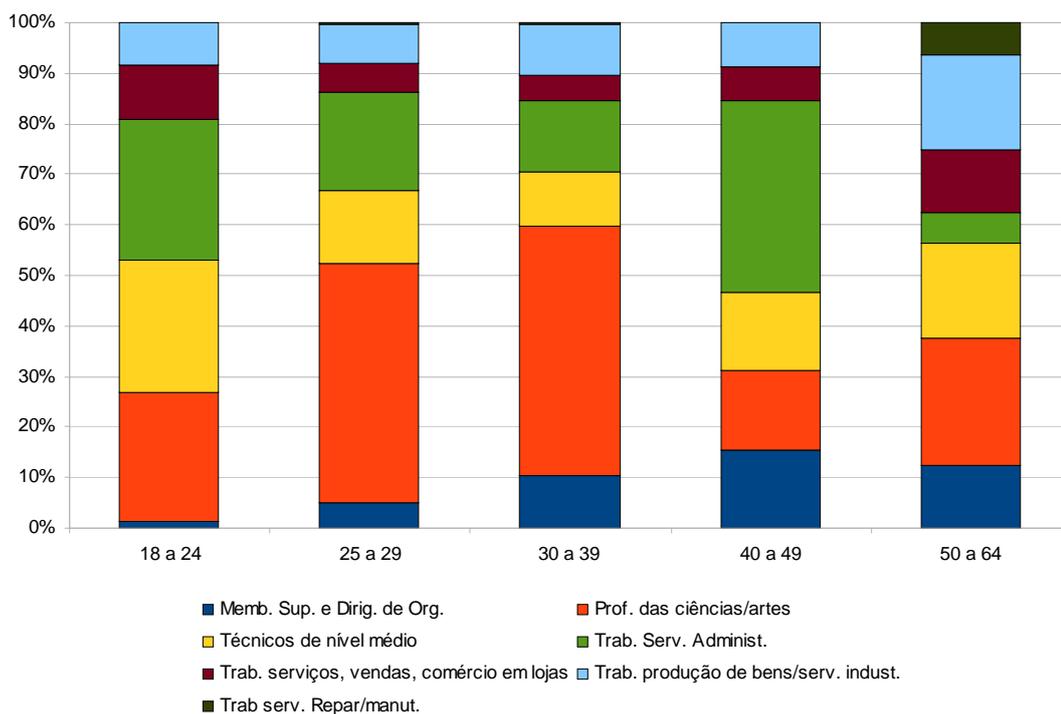


Figura 4 – Distribuição de faixa etária de empregados em atividades informacionais segundo o grupo ocupacional, 2007.

Fonte: RAIS-CAGED/MTE - 2007.

Por fim, o *tempo de emprego* foi o último indicador das condições de emprego dos trabalhadores em atividades informacionais. A importância dessa dimensão deve-se ao fato de expressar com clareza o grau de estabilidade e instabilidade no emprego. A partir dos resultados observam-se diferenças significativas entre o grupo dos *jovens inseridos* e *jovens profissionalizados*.

Verifica-se que grande parte dos *jovens inseridos*, em torno de 26% deles, encontraram-se na faixa de 6 a 12 meses de emprego, e 27% desses jovens concentraram-se na faixa dos 12 a 24 meses de emprego. Somando esses percentuais com as faixas de tempo ainda menores, constatou-se que 79% dos jovens inseridos possuem menos de 2 anos de emprego nessas atividades.

Situação diferente foi encontrada entre os jovens profissionalizados. Entre os jovens profissionalizados observamos concentração maior nas faixas entre 12 a 24 meses de emprego. Do total de jovens profissionalizados 27% possuíam até 24 meses de emprego. Porém, ao contrário do grupo anterior, a participação desses jovens foi maior em faixas de maior tempo de emprego. Entre os jovens profissionalizados, apenas 54% estavam distribuídos em faixas até 2 anos de

emprego. Esse percentual é relativamente baixo visto que entre os trabalhadores não-jovens apenas 41% encontram-se até essa faixa de tempo. Verificou-se que enquanto existia maior concentração de jovens trabalhadores inseridos, abaixo de 2 anos de emprego, ocorreu maior participação de jovens trabalhadores profissionalizados acima desse período de emprego.

Com relação à distribuição das faixas de tempo de emprego verificou-se que a estabilidade entre os jovens profissionalizados e os trabalhadores não-jovens não se diferencia substancialmente. Enquanto nas faixas de tempo de emprego de até 12 meses verifica-se praticamente a mesma percentagem de jovens profissionalizados e não-jovens, 13% para jovens profissionalizados e 12% para não-jovens, em faixas acima de 2 anos verifica-se tendência a diferenciação entre os dois grupos. Entre os jovens trabalhadores profissionalizados 27% deles possuem entre 1 a 2 anos de emprego. Já entre os não-jovens apenas 14% encontram-se nessa faixa de tempo de emprego. Na faixa de 2 a 3 anos de emprego, os jovens profissionalizados ainda possuem vantagem com relação aos trabalhadores não-jovens de 30 a 39 anos. Em torno de 14% dos jovens profissionalizados possuem até 3 anos, enquanto entre os não-jovens apenas 9% incluem-se nesse período de emprego.

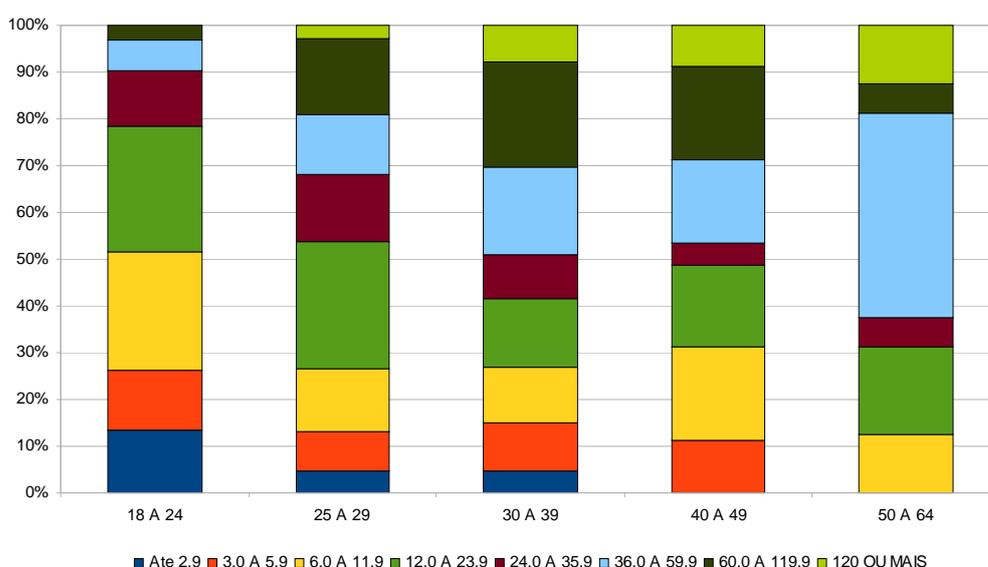


Figura 5 – Distribuição de faixa etária de empregados em atividades informacionais segundo o tempo de emprego, 2007.

Fonte: RAIS-CAGED/MTE – 2007.

A partir dos resultados verificou-se que as condições de emprego entre os dois grupos de jovens trabalhadores apresentam diferenças significativas. Entre os *jovens inseridos* predominam condições de emprego caracterizadas pelos mais baixos rendimentos, pelos níveis ocupacionais menos complexos e pela maior instabilidade no emprego. Porém, por outro lado, os *jovens profissionalizados* encontravam-se em condições de emprego muito diferenciada em comparação ao grupo anterior. Ao contrário dos jovens inseridos, entre os jovens profissionalizados verificou-se que as condições de emprego são relativamente mais sólidas e favoráveis. Entre os jovens profissionalizados encontraram-se níveis mais elevados de rendimentos, inseridos em ocupações mais complexas e com maior estabilidade no emprego.

No que se refere à comparação das condições de emprego entre os jovens trabalhadores profissionalizados e os trabalhadores não-jovens de 30 a 39 anos, verificou-se semelhanças em todos os indicadores. Observou-se que a distribuição das faixas de remuneração é semelhante entre o grupo de jovens profissionalizados e os trabalhadores não-jovens. Além disso, os níveis ocupacionais em que os jovens profissionalizados estão inseridos são semelhantes à distribuição das ocupações preenchidas pelos trabalhadores não-jovens. Por fim, no que concerne ao tempo de emprego entre os dois grupos, observou-se que os jovens profissionalizados apresentam poucas diferenças com relação à estabilidade no emprego, em comparação aos trabalhadores não-jovens. No quadro geral, existem mais semelhanças do que diferenças entre esses dois grupos etários entre os jovens profissionalizados e trabalhadores não-jovens.

Considerações finais

Destaca-se que as mudanças no setor de telecomunicações constituíram um novo cenário de emprego para jovens, visto que eles passam a adquirir condições mais sólidas de empregos. Afirma-se isso considerando a expansão da presença de jovens no mercado de trabalho nas telecomunicações. Nesse aspecto, destaca-se a expansão de atividades informacionais que dão suporte e manutenção à rede de telecomunicações. Além das mudanças no âmbito empresarial, houve ampla renovação da força de trabalho. Diante da necessidade de mão-de-obra renovada, observou-se um processo de inserção de jovens em atividades informacionais, visto

que 50%, dos empregos nessas atividades são ocupados por jovens. Não somente houve inserção de jovens, como também se observou elevada participação de jovens em condições favoráveis de emprego, em atividades informacionais, nas telecomunicações.

Em segundo lugar, conclui-se que a categoria “jovem trabalhador” não pode ser analisada como uma categoria homogênea. Assim, sustenta-se a necessidade de uma abordagem que considere a heterogeneidade na definição do que constitua a categoria “jovem trabalhador”, pois a forma em que cada grupo insere-se no mercado de trabalho depende de uma série de aspectos referentes às condições específicas de emprego, tais como o tipo de atividade e o nível de qualificação demandada.

Nesse sentido, torna-se necessário estabelecer distinções entre grupos de jovens, pois se observou diferenças referentes às características dos empregos. Verificou-se a existência de dois grupos de jovens, uns inseridos e outros profissionalizados. Identificou-se um grupo de jovens em processo de profissionalização nos empregos, visto estarem integrados em condições semelhantes às condições de emprego de trabalhadores não-jovens. No que se refere ao segundo grupo de jovens trabalhadores, verificou-se condições diferenciadas de emprego em relação aos trabalhadores não-jovens, visto que esses jovens possuem os menores rendimentos, as ocupações mais simples e as maiores taxas de instabilidade no emprego.

Além disso, em atividades informacionais, observou-se que as condições de emprego entre os jovens diferenciam-se das condições destacadas pela perspectiva generalista. Nas atividades informacionais em telecomunicações não se verificou um padrão de emprego para jovens caracterizado por baixo nível de remuneração, inseridos em ocupações mais simples e com maiores taxas de rotatividade. Os resultados mostram que o fato de ser “jovem” não necessariamente constitui uma condição desfavorável de inserção no mercado de trabalho. Há *jovens trabalhadores* empregados em condições semelhantes às condições de emprego de *trabalhadores não-jovens*, com níveis de remuneração média e alta, ocupando posições centrais nas atividades e com níveis de estabilidade no emprego semelhantes aos trabalhadores não-jovens. Com isso, problematizam-se discussões que não só abordam a juventude de forma uniforme, mas que caracterizam a relação do jovem com o mercado de trabalho como precarizada e fragilizada.

As telecomunicações caracterizam-se por apresentar novos cenários de emprego para jovens, mas exige algum grau de qualificação, que se definiu pela instrução média, superior e técnica. O fato de ser “jovem” não caracteriza propriamente uma vantagem para inserção nesse mercado de trabalho, porém esse contexto de oportunidades transforma-se quando essa categoria possui maior instrução. A influência da escolaridade sobre as condições de emprego dos jovens verifica-se por meio do processo de diferenciação entre *jovens profissionalizados* e *jovens inseridos*.

Além dos *jovens profissionalizados* diferenciarem-se dos demais jovens, há um processo de integração laboral dos jovens profissionalizados às condições de emprego características de trabalhadores *não-jovens*. Em cenários de emprego constituídos pelo uso intensivo de conhecimento informacional existem condições de emprego favoráveis aos jovens em processo de profissionalização, visto que possuem requisitos demandados por atividades informacionais. Nesse sentido, a importância da experiência nos empregos sobre a inserção no mercado de trabalho não constitui o elemento determinante sobre os empregos, em atividades informacionais. A escolaridade torna-se o atributo mais diferenciador no mercado de trabalho em telecomunicações, principalmente em atividades informacionais. A maior capacidade de apreender, processar e aplicar os conhecimentos adquiridos a partir das mudanças tecnológicas torna-se um requisito valorizado em mercados de empregos dinâmicos como o de telecomunicações. Pode-se afirmar a partir dessas evidências que o setor de telecomunicações está entre esses novos cenários de empregos favoráveis a uma inserção sólida para os jovens trabalhadores, mas essa inserção sólida traz exigências referentes às condições econômicas e do mercado de trabalho informacional.

Referências

CATTANI, Antonio David e HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 358p. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

CELLI, J. B. e OBUCHI, R. **Adolescents and Young adults in Latin America, Critical age**: Young adults market experience. BID. Instituto de Estudios Superiores de Administración. 2002.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociologia e cultura. Vol.1 – *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra. 1999.

_____. **A galáxia da internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Zahar. 2003.

DERMONTT, S.; FENTON, S. Fragmented careers? Winners and Losers in Young adult labour markets. **Work, Employment and Society**. Vol. 20(2). 205-221. SAGE Publications. London. 2006.

GUIMARÃES. S. A Reestruturação das telecomunicações e os sindicatos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 18. n 52. p. 81-107. 2003.

GUIMARÃES, N. **Trajetórias inseguras, autonomização incerta**: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: *Transição para a vida adulta ou a vida adulta em transição?* Pp. 170-198. Rio de Janeiro. IPEA, 2006.

MARTINS, Heloisa H. Teixeira de Souza. O Jovem no mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Educação**. N.6. P. 96-109. 1997.

MOCELIN. D. **Qualidade do emprego em contexto de mudança tecnológica: o caso das operadoras de telefonia móvel celular**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia. UFRGS, 2006.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, V.21, n. 54, p. 533-550, Set/Dez. 2008.